



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 24/02/2023 a 02/03/2023

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
24/02/2023	15,29	497,10	61,11	7,08	6,50
27/02/2023	15,18	498,70	60,04	6,96	6,42
28/02/2023	14,90	487,60	59,75	6,91	6,29
01/03/2023	15,04	490,40	60,54	6,97	6,40
02/03/2023	15,19	489,30	61,39	7,01	6,37
Média	15,12	492,62	60,57	6,99	6,40

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Panambi	159,00	
RS – Não Me Toque	160,00	
RS – Londrina	157,00	
PR – Cascavel	156,00	
MT – C.N.Parecis	142,00	
MS – Maracaju	151,00	
GO - Rio Verde	149,00	
BA – L.E.Magalhães	148,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	83,00	CIF
Porto de Paranaguá	90,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	81,00	
SC – Rio do Sul	81,00	
PR – Cascavel	75,00	
PR – Londrina	75,00	
MT – C.N.Parecis	65,00	
MS – Maracaju	71,00	
SP – Itapetininga	82,00	
SP – Campinas	86,00	CIF
GO – Rio Verde	72,00	
GO – Jataí	72,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	78,00	
RS – Não Me Toque	78,00	
PR – Londrina	90,00	
PR – Cascavel	90,00	

Período: 01/03/2023

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 02/03/2023**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	83,75	165,28	78,35

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
02/03/2023**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	85,10
Feijão (saco 60 Kg)	279,75
Sorgo (saco 60 Kg)	66,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,68
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	**
Boi gordo (Kg vivo)*	9,17

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Fevereiro/23- média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja cederam durante a semana, com o primeiro mês cotado chegando a romper o piso dos US\$ 15,00/bushel em alguns dias, algo que não era visto desde meados de janeiro. O fechamento desta quinta-feira (02), porém, recuperou um pouco o terreno e acabou ficando em US\$ 15,19/bushel, contra US\$ 15,34 uma semana antes. Já a média de fevereiro fechou em US\$ 15,27/bushel, ou seja, 1,1% acima da média de janeiro. Em fevereiro do ano passado a média havia sido de US\$ 15,88, fato que confirma um quadro levemente baixista em Chicago neste início de ano.

Dito isso, na semana encerrada em 23 de fevereiro, os EUA embarcaram 690.984 toneladas de soja, volume este que ficou abaixo das expectativas do mercado. Em todo o atual ano comercial os embarques de soja estadunidenses chegam a 42,1 milhões de toneladas, o que representa 3% acima do realizado no mesmo período do ano anterior.

E aqui no Brasil os preços continuam a ceder, diante de prêmios portuários menores e um câmbio estabilizado abaixo de R\$ 5,20 em boa parte da semana. Apesar da média gaúcha ter subido um pouco, fechando a semana em R\$ 165,28/saco, as principais praças de comercialização do Estado reduziram seus valores, operando entre R\$ 159,00 e R\$ 160,00/saco. No ano passado, nesta mesma época, o saco de soja, ao produtor gaúcho, nestas praças, valia R\$ 197,00. Portanto, temos um recuo entre 37 e 38 reais no valor do saco de soja no Rio Grande do Sul, em relação ao mesmo período do ano passado. Isso significa algo ao redor de 20% a menos no valor do produto. Considerando que a nova safra terá, mais uma vez, importantes quebras climáticas, e que o custo de produção geral pouco baixou, quando baixou, pode-se ter uma clara ideia das dificuldades que o setor vem enfrentando nestes últimos tempos.

Já nas demais praças do país, os preços da soja oscilaram igualmente em baixa nesta semana, variando entre R\$ 142,00 e R\$ 157,00/saco. No ano passado, nesta mesma época, tais preços giravam entre R\$ 174,00 e R\$ 197,00/saco. Portanto, um recuo entre 32 e 40 reais por saco, ou seja, algo em torno de 20% igualmente.

Em tal contexto, tem-se ainda que a colheita da atual safra de soja nacional continua em ritmo lento, freada pelo excesso de chuvas no Centro-Oeste em particular. Há, inclusive, muita soja colhida com qualidade inferior nesta região. Enquanto isso, na Argentina e no Rio Grande do Sul, apesar de chuvas isoladas, as quebras vão se consolidando. A produção no vizinho país está agora estimada em apenas 33,5 milhões de toneladas, ou seja, 11,8% inferior à previsão anterior e 22,6% a menos do que o volume produzido na safra passada.

Por outro lado, em termos de colheita o Brasil teria chegado a 30% da área, contra a média histórica de 31,4%, no final de fevereiro. No mesmo período do ano anterior a mesma atingia a 41,8%. (cf. Safras & Mercado)

Especificamente no Mato Grosso, segundo o Imea, espera-se uma colheita de 42,8 milhões de toneladas nesta safra, cuja colheita já atingia a 76% da área até o final da última semana. Se confirmada, a produção será 4,8% superior a do ano passado.

E no Paraná, a colheita chegava a 17% da área, na mesma época, contra 23% um ano antes. Lembrando que em 2020 a mesma atingia a 42%, nesta época do ano, e em

2019 chegou a bater em mais de 50%. O clima igualmente vem atrasando os serviços de corte da oleaginosa no Estado paranaense. (cf. Deral)

Enquanto isso, e como o previsto, diante das constantes quebras na safra gaúcha, novas previsões estão indicando que a safra de soja brasileira, em seu total, pode ficar em 150,8 milhões de toneladas, talvez menos. Mesmo assim, acima das 129,6 milhões de toneladas que teriam sido colhidas no ano anterior, segundo a Datagro. Já a Pátria Agronegócios estima uma colheita de 148 milhões de toneladas, volume que vai se aproximando do que indicamos em cálculo realizado no comentário passado.

Mas o que vem preocupando o setor da soja, qualquer que seja a produção final no Brasil, é, mais uma vez, a logística. Ou seja, com os atrasos na colheita em diferentes pontos do país, a questão é como se escoará esta soja quando todos os Estados estiverem colhendo a pleno. Hoje há navios parados nos portos por falta de produto para embarcar, fato que derruba os prêmios e reduz o preço da soja aos produtores. Por outro lado, o frete continua subindo e as estradas continuam péssimas. A capacidade de armazenagem, hoje, no Brasil, varia de 70% a 80% de sua produção geral, e quando se analisa detalhadamente as regiões de maior produção o déficit se torna ainda maior e mais evidente. Assim, mais do que quanto o Brasil vai colher, o mercado quer saber agora é como o Brasil vai escoar essa soja. (cf. Agrinvest Commodities)

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago também recuaram nesta semana. O bushel do cereal chegou a atingir US\$ 6,29, algo que não era visto desde o início de dezembro passado. Posteriormente, o mercado se recuperou um pouco e o fechamento desta quinta-feira (02) ficou em US\$ 6,37/bushel, contra US\$ 6,60 uma semana antes. Lembrando que a média de fevereiro fechou em US\$ 6,71/bushel, com um aumento de 0,15% sobre janeiro. Em fevereiro do ano passado a média havia sido de US\$ 6,50. Portanto, estamos diante de um mercado bastante estável nos últimos meses.

Dito isso, os embarques de milho pelos EUA, na semana encerrada em 23/02, atingiram a 572.622 toneladas, ficando dentro das expectativas do mercado. Com isso, o total embarcado pelo país norte-americano, neste ano comercial, atinge a 14,3 milhões de toneladas, o que representa 38% a menos do que o embarcado no mesmo período do ano anterior.

E no Brasil, os preços do milho recuaram um pouco. A média gaúcha, no balcão, fechou a semana em R\$ 83,75/saco, porém, as principais praças compradoras estiveram pagando R\$ 81,00. Um ano atrás, a média gaúcha era de R\$ 92,65/saco. Nas demais regiões do país, os preços médios oscilaram entre R\$ 65,00 e R\$ 82,00/saco.

Apesar das dificuldades de oferta no Rio Grande do Sul, devido a mais uma quebra da safra de verão, a possibilidade de uma colheita cheia no Brasil, puxada pela expectativa de um recorde na safrinha, tem reduzido os preços no mercado nacional.

Neste sentido, a Conab informou, nesta semana, que 16,7% da área de verão havia sido colhida no país, sendo no Rio Grande do Sul 50%, Santa Catarina 20%, São Paulo e Bahia 15%, Paraná 10% e Minas Gerais 5%. No mesmo período da safra passada, a colheita de verão estava em 57%.

Quanto a segunda safra, a Conab apontou que 48,7% da área prevista estava semeada, sendo que o Mato Grosso atingia a 76,7%, Tocantins 60%, Goiás 50%, Maranhão 38%, Minas Gerais 24%, Mato Grosso do Sul 23%, Paraná 15%, Piauí e São Paulo 10%. No mesmo período do ano passado, o plantio da safrinha estava em 59,6%.

Tomando por referência apenas o Centro-Sul brasileiro, o plantio da safrinha atingia, até o dia 24/02, a 39,1% da área esperada, que é de 14,95 milhões de hectares. No mesmo período do ano passado o cultivo atingia a 52,4% da área, que foi de 14,81 milhões de hectares, enquanto a média histórica de plantio é de 48,7%. Já na região do Matopiba, os trabalhos atingiam a 10% da área estimada, de 1,24 milhão de hectares, em 24/02. No mesmo período do ano passado, o plantio era de 4,6% de 1,2 milhão de hectares cultivados. Já a média histórica de plantio é de 2,8%. O plantio atingia a 22,3% da área prevista de 348.000 hectares no Tocantins e de 4,6% dos 194.000 hectares esperados na Bahia. A semeadura atinge 5,6% no Maranhão e 4,9% no Piauí. (cf. Safras & Mercado)

Especificamente no caso do Mato Grosso do Sul, que tem previsão de colheita de 11,2 milhões de toneladas nesta nova safrinha do milho, espera-se uma área semeada de 2,32 milhões de hectares, ou seja, 5,4% acima do registrado no ano anterior. A produtividade média esperada é de 80,3 sacos/hectare. (cf. Famasul)

Enquanto isso, no Mato Grosso, o Imea informa que o custeio da cultura de milho safrinha 2023/24 ficou em R\$ 3.475,11/hectare, com um aumento de 14,1% sobre o ano anterior. Assim, para que o produtor mato-grossense consiga cobrir seus custos operacionais, a uma produtividade média de 104,3 sacos/hectare, precisará que o preço do produto atinja a, pelo menos, R\$ 45,47/saco. Lembrando que, segundo os dados mais atualizados do Instituto, o plantio local atingia a 72,7% da área esperada naquele Estado, contra 82,7% no ano anterior. O Mato Grosso espera colher uma safrinha de milho ao redor de 46,4 milhões de toneladas, especialmente devido ao aumento da área semeada, que foi de 3,8%, levando a mesma a 7,42 milhões de hectares. Isso, com 20% das lavouras sendo plantadas fora da janela ideal.

E no Paraná, o plantio do milho safrinha alcançava 26% da área esperada, no início de março. (cf. Deral)

Enfim, segundo a Secex, as exportações brasileiras de milho, em fevereiro do corrente ano, somaram a 2,28 milhões de toneladas, contra 768.397 toneladas vendidas em fevereiro de 2022. Lembrando que a Anec esperava um total exportado menor, ou seja, algo em torno de 1,95 milhão de toneladas. Se este movimento de vendas continuar, o Brasil poderá atingir a um total de 50 milhões de toneladas de milho exportadas no atual ano comercial.

E novas estimativas para a safrinha dão conta de um volume total, se o clima ajudar, de 102,9 milhões de toneladas para este ano. Isso representa 7,8% acima do

registrado no ano anterior. Isso se confirmando, a produção total de milho no país, neste ano comercial, atingirá o recorde de 128,6 milhões de toneladas, contra 120,8 milhões colhidas no ano anterior. (cf. Datagro)

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo romperam o piso dos US\$ 7,00/bushel, algo que não era visto desde meados de setembro de 2021, ou seja, há cerca de 17 meses. Após atingir a US\$ 6,91/bushel no dia 28/02, houve uma pequena melhora e o fechamento deste dia 02/03 ficou em US\$ 7,01/bushel, contra US\$ 7,38 uma semana antes. Lembrando que a média de fevereiro ficou em US\$ 7,51/bushel, com aumento de 0,94% sobre janeiro. Destacando que a média de fevereiro de 2022, atingiu a US\$ 8,06/bushel.

Na verdade, o bushel de trigo em Chicago, que chegou a bater em um recorde de US\$ 14,25 nos primeiros 15 dias após o início da guerra entre Rússia e Ucrânia, em 24 de fevereiro do ano passado, nestes pouco mais de 12 meses após o início do conflito, já perdeu 51,5% de seu valor em Chicago.

Dito isso, as vendas líquidas de trigo, por parte dos EUA, atingiram a 591.725 toneladas na semana encerrada em 23/02. Este volume superou levemente o ponto máximo da expectativa do mercado, para a semana. No total do ano comercial atual, os EUA embarcaram 15,2 milhões de toneladas de trigo, ou seja, 2% a menos do que o registrado no mesmo período do ano anterior.

E aqui no Brasil, os preços do cereal se mantiveram nos mesmos níveis da semana anterior. O balcão gaúcho ficou na média de R\$ 78,00/saco, contra R\$ 85,50 um ano atrás (redução de 8,8% em seu valor), enquanto no Paraná o valor do produto permaneceu em R\$ 90,00/saco, contra a média de R\$ 91,00 um ano antes.

Desde o início do ano o mercado brasileiro, para o trigo, se mostra muito lento. De um lado, muitos moinhos estariam abastecidos, enquanto, por outro lado, outras indústrias do setor indicam que a demanda atual, por derivados de trigo, está baixa no país, limitando o interesse de negócios com o grão. Além disso, como o alertado em semanas anteriores, os vendedores têm ofertado muito trigo, visando liberar seus armazéns para a entrada da safra de verão. E as exportações não conseguem compensar esse quadro de maior oferta interna, em relação a demanda, fato que fragiliza os preços ao produtor.

Enfim, as últimas estatísticas da Conab dão conta de que a área total semeada com trigo, na última safra no país, atingiu a 3,09 milhões de hectares, sendo 1,45 milhão no Rio Grande do Sul e 1,2 milhão no Paraná. A produtividade média nacional ficou em 3.420 quilos/hectare, o que equivale a 57 sacos/hectare. O Rio Grande do Sul registrou 3.941 quilos/hectare (65,7 sacos/hectare), enquanto o Paraná ficou em apenas 2.928 quilos (48,8 sacos/hectare), devido a frustração climática. Ou seja, a produtividade média gaúcha, neste último ano, ficou 16,9 sacos/hectare acima da paranaense. Já a produção final nacional teria atingido a 10,5 milhões de toneladas do cereal, sendo um recorde histórico. Deste total, o Rio Grande do Sul contribuiu com 5,73 milhões (54,6% do total), enquanto o Paraná atingiu a 3,5 milhões de toneladas (33,3% do total). A destacar que as demais regiões do país, afora o Sul, somaram uma produção de 1,62

milhão de toneladas, confirmando seu crescimento. Cinco anos antes, sua contribuição foi de 573.000 toneladas, e 10 anos atrás de apenas 230.000 toneladas. Ou seja, nos últimos 10 anos a produção de trigo, por parte das regiões não tradicionais produtoras, cresceu mais de 600% em nosso país, enquanto a região Sul, tradicional produtora, aumentou em pouco mais de 115% sua produção do cereal.